

INSTRUMENTOS DIDÁTICOS COMO FATOR DE SENSIBILIZAÇÃO NO EAD

CAMPINAS – SP – ABRIL 2013

Leonardo Ferreira – Anhanguera Educacional – ferreira.leonardo @aedu.com

Resumo

Dentro do contexto da educação, o professor surge como fator motivador que deve quebrar as barreiras do tradicionalismo, utilizando-se de meios alternativos em sua didática, e explorando principalmente o lado onde o aluno deve procurar suas paixões e convicções e buscar seus conhecimentos por livre iniciativa. De forma eficaz o professor tem a função incentivadora, energizante e orientadora; fazendo parte destes princípios ele deve buscar formas eficazes e inovadoras para designar este vínculo aluno-professor, criando a sensibilidade do aluno perante o que está sendo aprendido. Ressalta-se, também, a importância do bom relacionamento entre o professor e seus alunos. Este trabalho teve como objetivo realizar uma análise crítica sobre os instrumentos pedagógicos como fator sensibilização no processo de educação à distância, através da revisão da produção de artigos científicos nacionais da área.

Palavras-Chave: Ensino a Distância, Instrumentos Didáticos, Sensibilização.

1. INTRODUÇÃO

As instituições de ensino têm se dedicado a um novo instrumento, a educação à distância, também conhecido como EAD. Esta modalidade pode parecer nova, mas na verdade já existe há algum tempo, no entanto ganha força nos dias de hoje devido ao advento da internet e de toda sistêmica decorrente da globalização.

É comum escutarmos o jargão: “tempo é dinheiro”, e realmente as pessoas e empresas cada vez mais focadas em metas buscam um melhor aproveitamento de tempo e redução de seus custos. O novo EAD (vamos chamar assim) vem como opção dentro desta realidade e possibilitando o acesso a pessoas que antes não dispunham de tempo para se dedicar a cursos presenciais.

No Brasil, este dinamismo é disponível em várias formas de cursos, desde aperfeiçoamento a pós-graduação. No entanto, ainda existe um grande preconceito com relação à EAD, pois muitos consideram que o mesmo não possui a qualidade de um curso presencial. Muito relativa esta comparação, uma vez que seus principais atores são o corpo docente e discente, onde o aluno deve buscar o conhecimento por si só e o professor é o responsável em auxiliá-lo na busca e sensibilização. É evidente que o estudo a distância gera uma lacuna maior entre o aluno e professor, exigindo do aluno mais dedicação e responsabilidade. Será que nossos alunos estão preparados para isso?

Por outro lado, existem as instituições de má qualidade e até mesmo indústrias de ensino que trabalham focando apenas em sua lucratividade através da produção em massa. Nestas, cursos mal planejados e mal elaborados focam um ensino padronizado, gerando um balizamento do conhecimento, geralmente por baixo, não considerando o fator individual de cada aluno.

Também devemos levar em consideração o fator social e de convivência em grupo, onde a metodologia presencial possibilita uma maior interação entre os membros de um grupo e uma maior troca de experiências, enriquecendo o processo de ensino-aprendizagem. Obviamente, existem vários argumentos em pró e contra esta modalidade de educação; os educadores, independentemente da modalidade, devem ter em mente o quanto suas ações irão agregar informações ao aluno, e buscar as melhores soluções para o enriquecimento do conhecimento junto aos discentes.

O objetivo deste trabalho é realizar uma análise crítica sobre o tema motivação no EAD e buscar oportunidades através dos instrumentos didáticos como meio de sensibilizar o aluno. Justifica-se pelo desafio do processo ensino-aprendizado que tem se tornado cada vez maior, principalmente na EAD, o que evidencia uma necessidade de reformulação da estrutura desta modalidade, buscando uma maior aproximação entre aluno e professor / tutor através dos instrumentos didáticos, e também sensibilizando o aluno na busca de novos conhecimentos.

Trata-se de um estudo quantitativo descritivo de revisão bibliográfica (CARTONI, 2009), realizado através do levantamento de publicações científicas nacionais disponibilizadas em bases de dados eletrônicas.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

A educação à distância, também conhecida como EAD, tem possibilitado a integração de uma nova parte da sociedade que não tinha acesso ao conhecimento. No entanto, devemos considerar no processo de ensino-aprendizado: “o ensino seria basicamente a transmissão de conhecimentos, informações ou esclarecimentos úteis à educação, realizados com um fim pré-determinado, enquanto a aprendizagem seria vista como o exercício ou a prática de uma matéria aprendida com uma experiência” (FRONZA-MARTINS, 2009). Dentro desta lógica, seus principais atores são o corpo docente e discente, onde o aluno deve buscar o conhecimento por si só, sendo o professor responsável em auxiliá-lo na busca e sensibilização.

Moran (2011) destaca que “a EAD pode ter ou não momentos presenciais, mas acontece fundamentalmente com professores e alunos separados fisicamente no espaço e/ou no tempo”. Na EAD os atores se distanciam, gerando uma maior responsabilidade e ação por parte do aluno. Neste contexto, deve-se considerar a experiência trazida pelos alunos e entender que alguns serão melhores, outros piores, e a aplicação de metodologias padronizadas podem gerar um balizamento do conhecimento, por baixo ou por cima, não considerando o fator individual de cada aluno.

É necessário compartilhar vivências, experiências e ideias, sendo este possível através das tecnologias da comunicação, que permitem uma maior aproximação entre corpo docente e corpo discente (MORAN, 2011).

“O ensino a distância é o tipo de método de instrução em que as condutas docentes acontecem à parte das discentes, de tal maneira que a comunicação entre o professor e o estudante se possa realizar mediante textos impressos, por meios eletrônicos, mecânicos ou por outras técnicas.” (KEEGAN, 1980, apud NUNES, 1992).

No Brasil a regulamentação da EAD é definida no Artigo 1º do Decreto Lei nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005, e tem como definição para a modalidade:

“Caracteriza-se a educação à distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos” (BRASIL, 2005).

Conforme definição de Moore e Kearsley (1996), a EAD é o aprendizado planejado que acontece em ambiente diferente do professor e demanda técnicas e métodos especiais para planejamento, instrucionais, comunicação, estrutura organizacional e administrativa.

A distância física entre professor e estudante é considerada por Preti (1996) um elemento desnecessário e indispensável para que se dê a aprendizagem, ocorrendo virtualmente. O autor ainda afirma que a comunicação deve ser bidirecional, onde “o estudante não é mero receptor de informações, de mensagens; apesar da distância, buscam-se estabelecer relações dialogais, criativas, críticas e participativas”.

Para Preti (1996) o uso de tecnologias permite eliminar as barreiras das distâncias, das dificuldades de acesso à educação e dos problemas de aprendizagem. Oferecendo estímulo e motivação do aluno, a possibilidade de armazenar e divulgar dados e de acessar informações em tempo real. A educação à distância ocorre em função da separação física entre professores e alunos, e a tecnologia da comunicação é o elemento de ligação que visa suprir a distância.

Em seu artigo, Moran (2011) descreve que muitos autores vêm criticando a expressão educação à distância, o que motiva a criação e utilização de outros termos, os quais demonstram maior integração perante a realidade virtual.

“Romero Tori (2010), por exemplo, fala em uma *Educação sem Distância*. Uma expressão alternativa, cada vez mais utilizada, é *Educação Aberta e a Distância*. Outros autores, como Marco Silva (2003; 2006; 2010), preferem a expressão *Educação On-line*, que sinalizaria a interatividade possibilitada pelas novas Tecnologias da Informação e da Comunicação. Algumas variações em inglês são *on-line learning*, *virtual learning*, *networked learning* e *web-based learning*. A expressão *e-learning* é também bastante utilizada, em geral para representar a EAD corporativa, que se faz em instituições que

não têm o ensino como missão primária.” (apud MORAN, 2011).

2.2. EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA NO BRASIL

A educação à distância está modificando as formas tradicionais de ensino e aprendizagem, flexibilizando a necessidade de presença física, reorganizando os espaços e tempos, as mídias, as linguagens e os processos. Moran (2011) descreve todo um processo evolutivo desta metodologia no Brasil, desde a inserção das universidades públicas na EAD, através da Universidade Aberta do Brasil e destaca alguns marcos históricos, entre eles a fundação do Instituto Rádio Monitor, em 1939, e depois o Instituto Universal Brasileiro, em 1941, com relativo sucesso.

No entanto, os resultados do passado não foram suficientes para gerar um processo de aceitação governamental e social da modalidade de EAD no Brasil, porém, o governo criou recentemente regulamentações, que ainda está em fase de estruturação, que atuam junto a esta modalidade da educação. Ainda, deverá ser considerado que no Brasil o Ministério da Educação não permite cursos certificados totalmente on-line, e exige ao menos as avaliações feitas de modo presencial. Outro fator é de que os grupos estrangeiros têm dificuldade em se instalar plenamente, pela necessidade de as instituições que atuarem aqui terem capital nacional e reconhecimento no MEC (MORAN, 2011).

O autor ainda considera que no Brasil somente em 1996 o tema da EAD se converteu em objeto formal, consubstanciado em quatro artigos que compõem um capítulo específico: o primeiro determina a necessidade de credenciamento das instituições; o segundo define que cabe à União a regulamentação dos requisitos para registro de diplomas; o terceiro disciplina a produção, o controle e a avaliação de programas de educação à distância; e o quarto faz referência a uma política de facilitação de condições operacionais para apoiar a sua implementação, conforme a transcrição do Artigo 80 da Lei nº 9.394 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

O Ministério da Educação publicou a Portaria nº 2.253, em 2001, que permite a universidades, centros universitários, faculdades e centros tecnológicos oferecerem até 20% da carga horária de cursos já reconhecidos na modalidade à distância. Essa Portaria foi atualizada pela nº 4.059, de 10 de dezembro de 2004.

A EAD foi regulamentada principalmente pelo Decreto nº 5.622, publicado no D.O.U (Diário Oficial da União) de 20 de dezembro de 2005. Dois anos depois, o Decreto nº 6.303 foi editado para atualizar algumas questões do decreto anterior. Outro decreto publicado no Brasil: O Decreto nº 5.800, de 8 de junho de 2006, institui o Sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB, que se constitui em um sistema integrado por universidades públicas que oferece cursos de nível superior para camadas da população com dificuldade de acesso à formação universitária, por meio do uso da metodologia da educação à distância.

Em atendimento ao sistema normativo devemos considerar as seguintes portarias:

- A Portaria Ministerial nº 4.361, de 29 de Dezembro de 2004, normatiza os procedimentos de credenciamento e reconhecimentos de instituições de educação superior (IES).
- A Portaria Ministerial nº 4.059, de 10 de Dezembro de 2004, trata da oferta de 20% da carga horária dos cursos superiores na modalidade semipresencial.

Além dos decretos e portarias, existem outros dois documentos que orientam as instituições quanto à oferta de cursos à distância (principalmente em nível de ensino superior). São eles:

- O Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação – Bacharelados, Licenciaturas e Cursos Superiores de Tecnologia (presencial e a distância). Havendo três grandes dimensões avaliadas: a dimensão didático-pedagógica, o corpo docente (e tutorial - exclusiva para EAD) e a infraestrutura.
- Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância.

É notória a fase de consolidação da EAD no Brasil, principalmente no ensino superior, com crescimento expressivo e sustentado. E destacam-se algumas razões para esse crescimento, como a demanda reprimida de alunos

não atendidos, principalmente por motivos econômicos. Muitos alunos são adultos que agora podem fazer uma graduação ou especialização.

Porém, é necessário no EAD, e na educação de forma geral, conciliar dimensões contraditórias: participação, descentralização de decisões, flexibilidade na gestão com comando, liderança, visão estratégica. E mesmo no âmbito legal é possível verificar que o processo não se completou e com certeza outras mudanças ainda se farão necessárias em breve.

A abertura do ensino superior, possibilitando o estudo às classes menos favorecidas, deve ser vista como um progresso em nosso país, contudo deve-se pensar em como possibilitar o aprendizado a este aluno. É evidente que a aula deve transcender a metodologia tradicional, e a busca de novos instrumentos de forma a sensibilizar o aluno perante o conteúdo apresentado, onde as estratégias propostas irão fazer o grande diferencial para a eficiência do ensino-aprendizado e na formação dos futuros profissionais.

2.3. O PERFIL DO ALUNO EAD

O mundo está aberto e as novas gerações, sendo elas Y, Z, ou qualquer outra letra que venha a surgir, tem a possibilidade de obter informações através de um click. As novas tecnologias surgiram como meio de facilitar e viabilizar a comunicação e a informação se expande a cada segundo; os navegadores / estudantes são bombardeados todos os minutos por novas informações e a possibilidade de socializar-se através da web.

“Garotos e garotas da Geração Z, em sua maioria, nunca conceberam o planeta sem computador, chats, telefone celular. Sua maneira de pensar foi influenciada desde o berço pelo mundo complexo e veloz que a tecnologia engendrou. Diferentemente de seus pais, sentem-se à vontade quando ligam ao mesmo tempo televisão, o rádio, o telefone, música e internet” (“Geração Z”, Veja Especial Jovens, set./2001, p. 15).

“Para seus pais, a tecnologia é apenas um complemento de sua vida. [...] Para os adolescentes, essa separação entre o real e o virtual é imperceptível. Eles nasceram e cresceram na rede – e, mais importante, em rede. [...] Para a geração digital, sem celular, comunidades online ou blogs não há vida” (“Geração Digital”, Exame, 24/8/2006, p. 22).

Segundo dados do Censo da Educação Superior de 2010, a EAD corresponde a 14,6% das matrículas de graduação no ensino superior do país. Os alunos ingressantes desta modalidade tem em média 33 anos, o que indica que a EAD atende a um público com idade mais avançada, em comparação ao ensino presencial, que possui média de 26 anos (CARNEIRO, 2012). Isto ressalta que os alunos do EAD são predominantemente pertencentes à geração Y, mas por se tratar de média, os alunos atendidos pela modalidade à distância oscilarão entre três gerações conforme demonstrado na tabela 1.

Tabela 1 – Processo evolutivo: Gerações X, Y e Z (Fonte: FONSECA, 2012)

	Geração X	Geração Y	Geração Z
Data de nascimento	Entre 1951 e 1978	Entre 1979 e 1994	A partir de 1995
Características	São práticas, empreendedoras e independentes. Respeitam autoridades e hierarquias. Preferem ler livros.	São questionadores, multitarefas (fazem várias coisas ao mesmo tempo), imediatistas. Buscam prazer no trabalho. Preferem meios eletrônicos.	Ligados em socialização também por meios eletrônicos, preocupados com beleza. Aprendem muito rápido, porém têm dificuldade de concentração.
Palavras-chave	Coletividade, cultura, popularização	Tecnologia, velocidade, individualismo, urgência	Vaidade, dispersão, flexibilidade

É importante o professor / tutor entender esta nova realidade e se adequar tecnologicamente e conceitualmente para uma melhor proposta pedagógica, principalmente na modalidade EAD. Isso não significa apenas a inclusão de recursos tecnológicos, pois estes não atuam sozinhos, mas através destes buscar novas formas de interação, e conseqüentemente uma maior sensibilização do aluno para um melhor aprendizado.

Outro desafio para o professor / tutor é quebrar o paradigma de que o EAD é um processo solitário e monótono, socializando o estudante perante a um grupo e a valiosas trocas de experiências / vivências entre os alunos participantes.

2.4. INSTRUMENTOS DIDÁTICOS

Para Alves (2011) é possível dividir as tecnologias da informação e da comunicação em meios clássicos (impressos) e meios de comunicação em

massa (rádio e televisão). Scheer (1999) subdivide os veículos de comunicação em:

Tabela 2: Subdivisão dos veículos de comunicação (adaptado SCHERR, 1999)

TECNOLOGIAS DE ÁUDIO	TECNOLOGIAS DE VÍDEO	TECNOLOGIAS COMPUTACIONAIS
Correio de voz (secretária eletrônica)	Fita de vídeo e ou DVD	Correio eletrônico
	Teleconferência via satélite	Chat (Bate-papo) e conferências na Internet
Fita / CD de áudio	Videoconferência	
Conferência de áudio (audioconferência)	Videoconferência na Internet	World Wide Web (WWW)
	Multicast	

Dentro da expectativa e necessidade de uma nova postura educacional, os meios de comunicação são de suma importância, sendo que a educação a distancia separa fisicamente os dois principais elementos deste processo, o professor e o aluno. Estes canais existentes vêm sofrendo evoluções, assim como a própria educação a distancia, o que atualmente tem possibilitado uma maior interação entre as partes, principalmente através do intermédio do computador e internet. Na tabela 3 é demonstrada uma cronologia dos instrumentos de comunicação junto ao EAD no Brasil.

Tabela 3: Cronologia das tecnologias na EAD no Brasil (Fonte: VIANNEY, 2006, apud SILVA et al, 2011)

<i>Início do uso de tecnologias da comunicação e da informação aplicadas à EAD no Brasil</i>		
<i>Ano</i>	<i>Tecnologia</i>	<i>Tipo de produto lançado inicialmente</i>
1904	Mídia impressa via correio	Cursos de iniciação profissional por correspondência.
1923	Rádio	Cursos de apoio à escolarização aberta.
1971	Televisão	Telenovela educativa.
1996	Videoconferência	Mestrados em parcerias com empresas.
1996	Internet	Cursos de extensão universitária.
1997	Internet com uso de ambientes virtuais de aprendizagem	Programas de pós-graduação lato sensu.
2001	Televisão com uso de satélites com sinal digital	Cursos de graduação para formar professores do ensino fundamental.
2005	Web TV	Os cursos a distância ofertados no modelo "universidade virtual" passam a incorporar progressivamente os recursos de transmissão e de interação por áudio e vídeo via internet.

Dentro novas tecnologias de informação e de comunicação, Alves (2011) destaca as que têm por base redes de telecomunicações e de computadores. O ambiente virtual de aprendizagem (AVA) vem ganhando bastante espaço para atender a demanda educacional, constituído de mídias

que utilizam o ciberespaço para vincular conteúdos e permitir interação durante o processo educativo (PEREIRA, 2007).

O Ministério da Educação definiu os AVAs como sendo: “programas que permitem o armazenamento, a administração e a disponibilização de conteúdos no formato *web*”. Alves (2011) destaca os principais instrumentos disponíveis dentro do AVA:

1. aulas virtuais;
2. objetos de aprendizagem;
3. simuladores;
4. fóruns;
5. salas de bate-papo;
6. conexões a materiais externos;
7. atividades interativas;
8. tarefas virtuais;
9. animações;
10. textos colaborativos (*wiki*).

Este ambiente possibilita tanto atividades síncronas (em tempo real entre professor e aluno) como assíncronas (sendo realizada em momentos distintos). Contribuindo em ambos os casos para uma maior interação entre os agentes do processo educacional, este somente sendo possível através da internet. Para Alves (2011) os principais instrumentos disponíveis através da Internet são:

Tabela 4: Instrumentos de interação através da internet (adaptado ALVES, 2011)

INSTRUMENTO	FUNCIONALIDADE	BENEFÍCIOS
<i>Hypertext Markup Language - HTML:</i>	exibição e manipulação de hipertextos	disponibilização do material didático on-line
Fórum:	discussões assíncronas	ser acessado a qualquer momento por alunos e tutores
E-mail:	enviar correspondências	interface entre alunos e professores
Chat:	discussões síncronas	discussão em grupo
Lista de Discussão:	envio de correspondências eletrônicas a um único endereço	compartilhar dúvidas e perguntas com um determinado grupo
Quadro Branco:	escrever, desenhar, colar dados e imagens de forma compartilhada	transcender às limitações impostas pela interface de texto para a discussão e difusão de ideias

3. DISCUSSÃO

É notória a evolução no processo de ensino e aprendizagem, onde o ensino a distancia (EAD) surge como uma nova perspectiva de modernização, tendo como essência a utilização de novas tecnologias. A cada dia mais recursos tecnológicos são incorporados a EAD (chats, e-mail, fóruns, teleconferências, etc.), facilitando a interatividade entre as partes participantes do processo educacional.

Lins (2006) descreve, de forma estruturada, uma divisão dos conceitos em dois blocos: a) teorias comportamentais: onde a premissa é de que o aprendizado é transitório, e os aprendizes dependem de constante estimulação. b) teorias cognitivas da aprendizagem: foco na interação social. Destaca-se a afirmação de Bruner: “qualquer criança aprende o que quiser em qualquer momento, desde que de forma contextualizada e significativa, no contexto das relações socioculturais”.

Dentro deste segundo contexto o professor / tutor tem o papel provocador e de mediador dentro da aprendizagem, para que o aluno passe da capacidade potencial a real, ficando evidente que a interação assume papel importante no processo de ensino e aprendizagem.

Outro ponto relevante neste paralelo inicial é a distinção existente entre a interação e a interatividade, sendo a primeira a relação estabelecida entre dois sujeitos (seres humanos) e a segunda inclui além das relações pessoais, mas também entre máquinas (computadores), e em ultima instancia entre as próprias máquinas, sem a interferência humana.

Na interatividade, a ação ganha destaque em sua própria essência conceitual: interação. É justamente a ação contraria a passividade assumida pelos educadores nas teorias de aprendizagem comportamentais a grande mola propulsora de uma nova forma de educação. No entanto interatividade ainda está longe de efetivar-se plenamente, sendo este um dos principais desafios do EAD.

O educador deve quebrar os paradigmas de supremacia e soberania sobre os educandos, entendendo que o processo é mutuo e participativo; o aluno deixa de ser um mero receptor, onde ele cria, modifica, constrói, aumenta

e, assim, torna-se coautor. O professor com papel mais ativo disponibiliza um campo de possibilidade, de caminhos.

A tecnologia é um dos instrumentos de apoio a esta relação, mais especificamente no EAD a tecnologia da informação e comunicação. Para isso é necessário uma adequação a estas novas realidades, e a capacitação do corpo docente se faz necessário. Por outro lado, os alunos que hoje, na grande maioria, já estão habituados a estes novos recursos tecnológicos, visualizam o EAD como uma possibilidade de se inserir dentro do processo educativo, podendo agora realizar cursos e conseguir uma formação de forma flexível; no entanto, é necessário ter autodisciplina para um melhor resultado.

O mundo está aberto e as novas gerações, sendo elas Y, Z, ou qualquer outra letra que venha a surgir, tem a possibilidade de obter informações através de um click. As novas tecnologias surgiram como meio de facilitar e viabilizar a comunicação, e a informação se expande a cada segundo, e os navegadores / estudantes são bombardeados todos os minutos por novas informações e a possibilidade de socializar-se através da web. Todas estas mudanças são reais e necessárias, e o EAD vem numa crescente, o que muitas vezes geram dúvidas de sua eficiência. O preconceito de muitas pessoas em relação a esta modalidade de educação, devido ao novo e desconhecido.

No ambiente empresarial, as instituições de ensino precisam se adequar ao mercado, focando a sua própria sobrevivência. Conforme definição de Barbosa (2009, apud DRUCKER, 2003, 02 p.) inovação se relaciona a uma nova satisfação ou a uma nova demanda para o cliente; desta forma, é preciso procurar oportunidades através da inovação. Não necessariamente inovação está ligada aos meios tecnológicos, e nem sempre a inclusão de computadores se tornará uma inovação no ambiente educacional. A real situação é procurar os meios mais adequados e de melhor resultado, muitas vezes transformando-os em diferenciais.

É importante o professor / tutor entender esta nova realidade e se adequar tecnologicamente e conceitualmente para uma melhor proposta pedagógica, principalmente na modalidade EAD. Isso não significa apenas a inclusão de recursos tecnológicos, pois este não atua sozinho, mas através

destes buscar novas formas de interação, e conseqüentemente uma maior sensibilização do aluno para um melhor aprendizado.

Outro desafio para o professor / tutor é quebrar o paradigma de que o EAD é um processo solitário e monótono, socializando o estudante perante um grupo e a valiosa troca de experiências / vivências entre os alunos participantes.

Dentro desta nova realidade, Ferreira (2010) propõe criar estratégias pedagógicas que valorizem o prazer, a emoção, a imaginação, a intuição e a criatividade. Uma proposta de utilizar ferramentas pedagógicas conciliando a ciência e a arte no ensino, criando mecanismos de conexão dos alunos com os seus desejos, ampliando a percepção da realidade e de conceber novas leituras do mundo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro do contexto da educação, o professor surge como fator motivador que deve quebrar as barreiras do tradicionalismo, utilizando-se de meios alternativos em sua didática, e explorando principalmente o lado onde o aluno deve procurar suas paixões e convicções e buscar seus conhecimentos por livre iniciativa. De forma eficaz o professor tem a função incentivadora, energizante e orientadora; fazendo parte destes princípios ele deve buscar formas eficazes e inovadoras para designar este vínculo aluno-professor, criando a sensibilidade do aluno perante o que está sendo aprendido. Ressalta-se, também, a importância do bom relacionamento entre o professor e seus alunos.

O docente deve buscar meios diferenciados para a integração do ensino, criando novas condições na comunicação entre o professor e o aluno. Pode-se afirmar que em um contexto didático, a função dos instrumentos didáticos é de mediar às relações de forma que os alunos se apropriem dos conteúdos escolares. Aliás, esse deve ser o objetivo principal de seu emprego no processo ensino-aprendizagem. A utilização de recursos didáticos é fator de fundamental importância e excelente aliado para todos aqueles que exercem a tarefa de ensinar e divulgar uma mensagem.

Somente através de sua aplicação adequada é que se irá conseguir sensibilizar e despertar o aluno para o conteúdo ministrado. Caberá ao educador orientar a aprendizagem dos participantes no sentido de capacitá-los para discutir o uso de instrumentos didáticos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Carina. Propostas Metodológicas e Uso das Tecnologias em EAD. Diretoria de Extensão e Pós-Graduação. Anhanguera Educacional, 2011.

ASSIS, A.; TEIREIXA, O.P.B. Argumentações Discentes e Docente Envolvendo Aspectos Ambientais em Sala de Aula: uma Análise. *Ciência & Educação*, v. 15, n. 1, p. 47-60, 2009.

BARBOSA, R.M. Ambientes virtuais de aprendizagem. ARTMED

BARBOSA, Ronaldo. Inovação, qualidade e Internet no ensino. Material da 4ª aula da Disciplina Tecnologias Aplicadas ao ensino e aprendizagem, ministrada no Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Didática e Metodologia do Ensino Superior – Programa Permanente de Capacitação Docente. Valinhos, SP: Anhanguera Educacional, 2009.

BENETTI, B. A Temática Ambiental e os Procedimentos Didáticos: Perspectivas de Professores de Ciências. In: VIII Encontro Perspectivas do Ensino de Biologia, 6, 2002, São Paulo. Anais. São Paulo: FEUSP, 2002. 1 CD-ROM.

BRASIL. Decreto nº 5622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o Artigo 80 da Lei 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, que Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 20 dez. 2005.

CARMEM, M. ABC da educação à distância: a educação à distância hoje. Prentice Hall Brasil.

CARNEIRO, Luciana, Gerenciamento de Cursos EAD. Valinhos, p.9, 2012. Disponível em: <<http://anhanguera.com>>. Acesso em: 1 fev. 2012.

DOWBOR, L. Educação e Apropriação da Realidade Local. Estudos Avançados, v. 21, n. 60, p. 75-92, 2007.

FERREIRA, F.R. Ciência e Arte: Investigações sobre Identidades, Diferenças e Diálogos. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 261-280, 2010.

FERREIRA, Francisco Romão. Ciência e Arte: Investigações sobre Identidades, Diferenças e Diálogos. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 261-280, 2010.

FERREIRA, Renata Tereza da Silva. O uso da lousa ou do quadro de giz. In: GODOY, Anterita Cristina. Didática: Procedimentos e recursos de ensino. Campinas: Alínea, 2008. 87p.

FONSECA; EDUARDO. Dossiê Geração X, Y, Z. NET EDUCAÇÃO. Disponível em: <https://neteducacao.com.br/sala-de-aula/dossie/Dossi%C3%AA%20Gera%C3%A7%C3%A3o%20X,%20Y,%20Z>.

Acesso em 28.jul.2012.

FRONZA-MARTINS, Aglay Sanches. A importância da Didática no Ensino Superior. Material da 1ª. aula da Disciplina Práticas do Ensino e da Aprendizagem, ministrada no Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Didática e Metodologia do Ensino Superior – Programa Permanente de Capacitação Docente. Valinhos: Anhanguera Educacional, 2009.

FRONZA-MARTINS, Aglay Sanches. Relações interpessoais: a importância do relacionamento professor-aluno. Material da 2ª. aula da Disciplina Práticas do Ensino e da Aprendizagem, ministrada no Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Didática e Metodologia do Ensino Superior – Programa Permanente de C Capacitação Docente. Valinhos: Anhanguera Educacional, 2009.

FRONZA-MARTINS, Aglay Sanches. Tecnologia Educacional e os recursos pedagógicos. Material da 3ª. aula da Disciplina Práticas do Ensino e da Aprendizagem, ministrada no Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Didática e Metodologia do Ensino Superior – Programa Permanente de Capacitação Docente. Valinhos: Anhanguera Educacional, 2009.

GIL, Antonio Carlos. Didática do Ensino Superior. São Paulo: Atlas, 2008.

LANZ, R. A Pedagogia Waldorf. 5. ed. São Paulo: Antroposófica. 1990. 179 p.

MOORE, M.; KEARSLEY, G. Distance education: a systems view. Belmont (USA): Wadsworth Publishing Company, 1996.

MORAN, JOSÉ MANUEL. Fundamentos, políticas e legislação em EAD. Departamento de extensão e pós-graduação. Anhanguera Educacional, 2011.

NUNES, I. B. Noções de Educação a Distância. Revista Educação a Distância, Brasília, Instituto Nacional de Educação a Distância, ns. 4/5, p. 7-25, dez. 93/abr. 94.

PALLOFF, R. M. Aluno virtual, um guia para trabalhar com estudantes on-line. ARTMED.

PEREIRA, F. A. Gerenciando Projeto de Software em Empresas com Diferentes Níveis de Maturidade. Monografia (Curso de Ciência da Computação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

PETERS, O. Didática do Ensino a Distância. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2001.

PRADO, EDNA CRISTINA; ROSA, ANA CRISTINA SILVA. A interatividade na educação à distância: avanços e desafios. Eccos revista científica, janeiro-junho, ano/vol. 10, número 001. Centro Universitário Nove de Julho, São Paulo, Brasil, pp.169-187; 2008.

PRETI, O. Educação a Distância: uma prática educativa mediadora e mediatizada. In: PRETI, O. Educação à distância: inícios e indícios de um percurso. Cuiabá: NEAD/IE – UFMT, 1996.

SCHEER, S. Multimeios em EAD. In: MARTINS, O. B. Educação à distância: um debate multidisciplinar. Curitiba: UFPR, 1999.

VALENTE, J.A. Aprendizagem na era das tecnologias digitais. Cortez